



Autogestão e Formação

Leon Rodriguez

A constituição de uma sociedade fundada na autogestão é o mais belo sonho humano já sonhado. Uma sociedade fundada na livre associação dos seres humanos, o reino da igualdade e da liberdade, na qual a exploração, dominação e opressão em geral são coisas do passado, é o desejo de todas as pessoas sadias mentalmente. Muitos sonharam com isso; outros lutaram por isso; alguns dedicaram sua vida a este sonho/projeto; alguns perderam a vida tentando concretizá-lo. Foram chamados de “sonhadores”, “visionários”, “profetas”, “loucos”, “radicais”, “extremistas”, “revolucionários”, “subversivos”. Não preciso dizer quem estava do outro lado rotulando, aqueles que não querem ou não dão conta de querer, incluindo vários tipos de pessoas, pois além dos conservadores e omissos, os medíocres e pessoas destruídas mentalmente. Esse belo sonho é possível e realizável, muitos já o disseram. *A questão é que muitas vezes já houve a oportunidade e ela foi perdida.*

No fundo, autogestão deveria ser interesse de todos os seres humanos, afinal, quem não gostaria de viver numa sociedade sem hipocrisia, sem ter que fazer milhares de coisas que não gosta, sem opressão. Claro que, além disso, tem a base disso tudo, a exploração e a dominação, o reino do capital. Mas mesmo um capitalista, que deve conviver com a competição dos iguais, a inveja dos inferiores semelhantes, as obrigações de cuidar da propriedade e vigilância constante, sem poder dormir, para recordar afirmação de Marx. Os operários e outros explorados e oprimidos necessitam ainda mais da autogestão. No fundo, a autogestão é a essência humana realizada, aquilo que o jovem Marx colocou como sendo *práxis*, atividade livre, consciente e com uma finalidade determinada pelo indivíduo em associação com os demais indivíduos. Na *práxis*, a associação e a autorrealização se fundem e concretizam a libertação humana. Isso deveria ser o desejo de todo ser humano.



Isso nos coloca algumas questões: *por qual motivo os seres humanos não rompem logo com a sociedade repressiva e instauram a autogestão? Isso leva a uma segunda questão: por qual motivo alguns lutaram e tentaram instaurar a autogestão, mas foram combatidos e derrotados?*

Se eu tivesse que responder estas questões usando uma palavra, eu diria: formação. A questão da formação é fundamental para a teoria e a prática da autogestão. A formação dos indivíduos na sociedade capitalista é uma socialização para o capital. A formação dos indivíduos na sociedade do futuro é uma socialização para a liberdade, a livre associação, onde a convivência com os outros seres humanos é prazer e realização e não obrigação e fardo. A solução é fácil: substituir a formação da sociedade burguesa pela formação da sociedade comunista. Isso seria ilusório. Marx foi um dos primeiros a alertar que os indivíduos não podem mudar o mundo com ideias deslocadas da realidade, apenas desejo, sonho, utopia. Desejo, sonho e utopia são fundamentais, mas insuficientes. É preciso algo mais. E foi novamente Marx que ajudou a compreender que é necessário entender as relações sociais concretas para agir e transformá-las.

A formação na sociedade capitalista é burguesa e não podemos transformá-la no interior das relações sociais desta sociedade. Mesmo se alguém conseguisse, de alguma forma, oferecer uma formação totalmente diferente, totalmente de acordo com os princípios autogestionários – e não se sabe como este indivíduo chegou a isso, já que ele também é produto dessa sociedade e foi socializado para ela – ele produziria uma formação para o fracasso, tanto da perspectiva burguesa – já que não seria um indivíduo competitivo, egoísta, autoritário, e, portanto, não conseguiria, e nem deveria querer, ascensão social e sucesso – quanto da perspectiva proletária – já que seria tão ingênuo com um modo de ser inspirado no humanismo, sinceridade, honestidade, numa selva comandada por canibais ávidos de carne fresca, sendo presa fácil e por isso não contribuiria muito com a constituição do *novum*. Isso seria uma formação para uma vida imaginária e, as decepções e fracassos, ou gerariam pessoas fracas e covardes ou



suicidas, ou revoltados destrutivos sem nenhum coração, sendo o oposto do que se pensava em ajudar a formar.

Até mesmo o sociólogo ultraconservador Durkheim já havia colocado que a educação poderia ser compreendida como socialização. É tornar o indivíduo um ser social e um ser social para esta sociedade e para seu lugar nela de acordo com a divisão social do trabalho. Essa é a parte verdadeira de sua sociologia, a falsa é elogiar e reproduzir isso. O que interessa, no entanto, é entender que isso significa que a educação, na sociedade capitalista, tem o papel de formar indivíduos sociais (o que é característica dos seres humanos, já que são seres sociais), mas faz isso no contexto da sociedade capitalista, da divisão social do trabalho e do lugar que irá assumir nela. Logo, aprende o geral para conviver nessa sociedade (educação moral e cívica) e para sua posição na divisão social do trabalho (operário, capitalista, burocrata, camponês, etc.). Ele, então, vai ter que aprender alguns valores, ideias, técnicas, práticas, para viver nesta sociedade.

É isso que ocorre efetivamente e este é um dos obstáculos para a superação da sociedade burguesa. A educação escolar tem um papel conservador e poderoso no sentido da reprodução do capitalismo e as concepções reprodutivistas já deram demasiadas provas disto (Bourdieu, Baudelot, Establet, Althusser, etc.). No entanto, a socialização é um termo mais amplo do que educação escolar. Ela é realizada não apenas na escola, mas na família, na comunidade, no trabalho. E também se realiza indiretamente através dos livros, meios de comunicação, etc. A vida na sociedade burguesa prepara os indivíduos para viver na sociedade burguesa, o que é um truísmo. As relações sociais são burguesas, a vida é burguesa, então a mentalidade, as ideias, também tendem a ser burguesas e as ideias dominantes, que são efetivamente conservadoras, reforçam e reproduzem isso. Desde a tenra infância a mentalidade burguesa vai se infiltrando nos pequenos cérebros e criando raízes que logo brotam e depois das árvores vem a floresta com seus diversos frutos sob a forma de ideias,



pensamento, valores, burgueses. Mesmo os indivíduos que possuem pais revolucionários, escola progressista e talvez ambos, não escapam da mentalidade burguesa.

Isso responde a primeira pergunta, por qual motivo o conjunto da população não se rebela (e por unanimidade, já que é interesse de todos, embora mais para uns que para outros). Claro que existem mais coisas e a questão é mais complexa e para isso seria necessário uma análise mais profunda do pensamento de Marx, apelar para a psicanálise e diversas outras contribuições para se pensar este obstáculo que é a formação social dos indivíduos, que, na nossa sociedade, é uma formação burguesa¹. Os mecanismos deste processo, que explicam a mentalidade dos indivíduos na sociedade burguesa, ultrapassam nossos objetivos e a leitura de Marx, Freud, Fromm, Adler, Rühle, entre inúmeros outros, ajudam a compreender esse processo, o que não vou desenvolver aqui.

Os indivíduos, mesmo tendo sua essência humana negada, mesmo impossibilitados de autorrealização e relações sociais autênticas, mesmo sem poder sentar numa praça sem desconfiar e temer os outros seres humanos – como se estivesse numa selva e ameaçado por predadores – e sem poder pintar, escrever um poema, realizar algo satisfatório, desenvolver suas capacidades físicas e mentais de forma livre e verdadeira, mesmo assim não se rebelam. A psicanálise coloca a questão da repressão e da satisfação substituta: televisão, computador, sucesso, fama, drogas, ou seja, um conjunto de subterfúgios e paliativos para continuar vivendo, sofrendo, trabalhando, consumido, reproduzindo. A insatisfação é inconsciente ou pouco consciente, mas não move montanhas, no máximo, gera escapismos e fugas, ir ao estádio de futebol e se integrar no jogo dos outros, mesmo tendo consciência de tudo é armado e o dinheiro comanda cada marionete em campo.

¹ Burguesa no sentido de sociedade burguesa e não de classe burguesa, pois a formação burguesa é diferente em classes sociais diferentes, o que de resto tem inúmeros estudos sobre isso, e não é preciso citar Bernstein, Bourdieu, Sarup, Baudelot e Establet e milhares de outros.



A reprodução é uma palavra muito usada e é sucesso mundial com as estrelas sociológicas e filosóficas Bourdieu e Althusser. Apesar dos limites ideológicos presentes em suas obras, apontaram alguns aspectos da realidade da sociedade capitalista. Mas também foram muito criticados por causa do reprodutivismo. Não existe só reprodução. Existe a insatisfação, embora ela possa não gerar muita coisa, embora possa explodir aqui e ali. Uma grande parte das tentativas de revoluções foram explosões de insatisfação, quando as coisas insuportáveis se tornam ainda piores. A questão é que as pessoas insatisfeitas quando se revoltam, o fazem a partir das ideias, valores, preocupações, anteriores. Elas não pensam nos problemas da sociedade do futuro e sim nos da sociedade atual. Isso é um problema em sua formação. Mas existe contradição, resistência, luta.

Além disso, existem indivíduos e grupos que vão além. Devido à especificidade de sua vida e formação, adquiriram mais informações, realizaram mais reflexões, desenvolveram outros valores, e assim assumem a posição de revolucionários. Aqui é preciso duas ressalvas. A primeira é que não estou me referindo a todos os indivíduos que se dizem “revolucionários”, pois aqueles no âmbito do chamado “leninismo”, essa monstruosidade burocrática, não entram nesse campo e não ultrapassam os limites da formação burguesa. A única diferença destes para os conservadores é que estes últimos estão no poder e os “ditos” revolucionários querem substituí-los. A segunda ressalva é que entre os revolucionários acima citados não existe homogeneidade, pois são diferentes, por suas histórias de vida, tipo e quantidade de informações, quantidade e qualidade das reflexões, maior ou menor coerência valorativa, entre outras diferenças. Uns podem ter mais disposição para o confronto armado, outro para o confronto intelectual, alguns conseguem harmonizar essas duas (e talvez outras), entre diversas outras diferenças. Alguns lutam um dia, outros vários dias, alguns a vida inteira, como já dizia Brecht, pois alteram sua disposição e



disponibilidade para a luta. Ou seja, os revolucionários possuem semelhanças e diferenças e ambas são oriundas do seu processo de formação.

Esses indivíduos, quando explodem as revoltas, se animam e aumentam seu engajamento. E se a revolta se transforma em tentativa de revolução, eles estarão do lado das classes trabalhadoras. Porém, o proletariado e esses indivíduos e grupos revolucionários tentaram várias revoluções e foram combatidos e derrotados. No fundo, o proletariado é combatido cotidianamente, não só por necessidade da exploração e seu aumento, o que leva ao controle e dominação, mas também para impedi-lo de exigir mais do que reformas. Os revolucionários também são combatidos cotidianamente, pois querem impedir que eles espalhem ideias revolucionárias e tenham influência no proletariado e na população em geral. Mas nas épocas de tentativas revolucionárias, isso é mais forte e tem um significado histórico mais amplo. A Comuna de Paris foi derrotada, assim como a revolução soviética na Rússia em 1917, para citar somente duas grandes tentativas de dezenas ocorridas.

Sem dúvida, alguns vão justificar isso pelo pouco desenvolvimento das forças produtivas, pelo aparato repressivo, pelo papel do bolchevismo na contrarrevolução burocrática e diversas outras questões que, sem dúvida, são determinações do processo, embora não atuando em todas. Por exemplo, o desenvolvimento das forças produtivas pode ser considerado, e não supervalorado, no caso da Rússia e China, por exemplo. Mas no caso do Maio de 1968, da Revolução Polonesa de 1980, entre diversas outras, não podem dizer que teve algum papel relevante, pois são sociedades de capitalismo avançado. O bolchevismo foi fundamental na derrota dos soviets na Rússia de 1917 e em outras oportunidades, mas no caso de Portugal, Polônia, Maio de 1968, ficaram já desmascarados e do lado do poder ou como concorrente e não opositor, além de sua impopularidade bastante gritante e que Lênin jamais sonharia (e que ele seria um dos primeiros responsáveis para as experiências posteriores). O bolchevismo continua sendo



uma forte ameaça, sem dúvida, mas há uma outra questão anterior a ele que o torna mais perigoso do que realmente é.

A grande questão do fracasso destas tentativas revolucionárias também remete ao problema da formação. Tanto da formação do proletariado quanto dos revolucionários. O proletariado se joga na luta e seus setores mais avançados apontam para auto-organização e autoconsciência, para a revolução social. A quantidade e intensidade do ímpeto revolucionário variam em cada caso concreto. Mas mesmo esse proletariado muitas vezes hesita, cai em equívocos como, por exemplo, não querer “dividir” as forças, esquecendo-se do que já sabia, que o bolchevismo (e semelhantes e derivados) está do outro lado da barricada. Da mesma forma, muitos indivíduos revolucionários também caem no mesmo equívoco. Alguns se iludem com o discurso inflamado dos pseudorrevolucionários leninistas para angariar simpatias populares.

Isso é um problema de formação. A autoformação do proletariado na luta tem que ser reforçada por uma mais ampla consciência da necessidade de auto-organização e autoformação mais ampla e teórica, não apenas prática. Muitos revolucionários bem intencionados contribuíram para espalhar a confusão ao cair no praticismo e defender isso junto ao proletariado, criticando os que são “educacionistas”. Essa é uma oposição que só mostra debilidade de reflexão. Sem dúvida, existem alguns que são meramente praticistas e alguns que são apenas educacionistas, mas é necessário ir além dessa divisão e entender que ela é apenas reprodução da formação capitalista. É a formação burguesa que separa teoria e prática, a autoemancipação proletária é a síntese de ambas e se uma faltar, a outra vai falhar. Por isso a teoria e a formação são fundamentais e por isso o erro mais grave não é o educacionismo e sim o praticismo, apesar de ambos serem equivocados.

A formação burguesa é para a divisão social do trabalho, a formação autogestionária é para a sua superação. E isso já começa superando os acentos unilaterais, seja na prática, seja na educação. No entanto, em períodos não-



revolucionários, é na teoria, na cultura, na formação, que reside o ponto forte da luta revolucionária. Isso por um motivo muito simples: a prática cotidiana dos proletários e, embora em menor grau, dos revolucionários, é ainda demasiada presa à sociedade capitalista. Afinal, brigar com o gerente, xingar o patrão, faltar ao trabalho, são formas de demonstrar insatisfação e resistência, mas tão limitadas e individualistas que só tem valor por ser negação que pode gerar outra negação mais profunda no futuro. Essa “prática” nada tem de revolucionária. A greve, momento mais importante no processo de auto-organização e autoformação do proletariado (e que não tem o mesmo valor para outras classes e contextos), é fundamental, mas nem por isso é o fim do processo e sim seu início. A greve deve ser um momento para gerar algo mais. Ela espontaneamente, como já colocava Pannekoek, incentiva a solidariedade, a auto-organização ou, como dizia Marx, avança no processo de criar a “associação” e autoeducação, e por isso é a forma mais radical e profunda de luta proletária. Contudo, sendo dominada por partidos políticos, perde parte do seu potencial. Mas superando os partidos e sindicatos, sendo uma “greve selvagem”, é um momento fundamental da luta proletária. Se, no entanto, não avança, se fica apenas em reivindicações pontuais e salariais, se não consegue gerar autoeducação mais profunda e auto-organização mais permanente, só resta o seu passado, a sua história e o seu exemplo, heroico e que deve ser resgatado (e se não for, será vivo apenas na memória de quem participou, que é quem poderá recordá-la).

É por isso que a greve deve ser um momento de formação superior, ou seja, ela em si já realiza isso, mas para quem estiver participando e se tiver uma formação mais ampla, poderá contribuir com seu desenvolvimento e fortalecimento, não só na luta em si e o que está em jogo em matéria de reivindicações, mas também para o futuro. O combate da burocracia e do burocratismo e o incentivo da auto-organização, o processo de formação, com materiais (desde os famosos panfletos até textos analíticos mais profundos sob vários aspectos relacionados ao movimento), exigências mais amplas (não apenas aumentos salariais ou questões pontuais, mas outros aspectos, inclusive da



vida cotidiana do trabalho e questões gerais da sociedade relacionados). Isso tudo está no bojo da luta e contribui com a autoformação, mas é preciso também a formação mais teórica, mais refletida, para uma maior preparação diante das lutas seguintes. E esse é um campo de atuação fundamental dos que lutam pela autogestão. Assim, a greve deve ser um momento para o desenvolvimento da consciência e da necessidade de ampliar a formação, bem como criar mecanismos para tal. Um comitê de greve pode criar uma seção de formação e reflexão para os mais interessados e após o término do movimento grevista pode e deve continuar contribuindo com esse processo de formação permanente.

No caso dos revolucionários, isso é mais grave ainda. O proletário, por suas condições de vida, por ser explorado diretamente e não ter grandes privilégios na sociedade burguesa (o que varia com o país, época, etc.), é tendencialmente contestador e revolucionário. Mas os indivíduos revolucionários, em grande parte, provêm de outras classes sociais, com maior renda e privilégios, e por isso precisam de maior formação para entender os processos sociais revolucionários e não cair nos equívocos que irão repassar para o proletariado. E como eles não estão tratando apenas da sua vida, já que são revolucionários por opção, então devem ter responsabilidade maior por agirem sobre a vida dos proletários. Como não são leninistas-vanguardistas, o fazem com muito mais respeito do que quaisquer outros, mas quando, por falta de formação, transformam o respeito em ilusão, apologia, acabam confundindo o real com o ideal. Muitos, inclusive para fugir do vanguardismo, elogiam o proletariado, o de carne e osso, esquecendo que eles não nascem revolucionários e como as mulheres, para lembrar Beauvoir, em que pese seus equívocos, tornam-se, posteriormente. E o revolucionário deve ajudar nessa passagem, neste “tornar-se revolucionário”. Mas antes de ajudar o proletariado a tornar-se revolucionário, ele mesmo deve tornar-se assim (e, como já vimos, com mais dificuldades).



Se o proletariado torna-se revolucionário por sua situação de classe (e isso ocorre geralmente de forma coletiva, ou seja, é a classe que se torna revolucionária e não os indivíduos) e pela luta que tal situação gera, o indivíduo revolucionário proveniente de outras classes e mesmo oriundo do proletariado, deve fazer um esforço maior para conseguir isso. E esse esforço se refere não só ao fato de que se trata de autoformação, mas também de atuação sobre o proletariado e outros grupos e classes, interferindo na formação alheia. Para não cair em ideias contrarrevolucionárias, não ceder aos modismos, aos valores vigentes, ao extremismo inconsequente, aos supostos discursos revolucionários, e esses são uma verdadeira “praga cotidiana”, do e sobre o cotidiano², que infelizmente infestam os círculos revolucionários contemporâneos, muito dispostos a discursar nas redes sociais e pouco afeitos a aprofundar suas reflexões e leituras.

O bolchevismo chegou ao poder por causa da pouca formação dos revolucionários e do proletariado e do campesinato. Os revolucionários, inclusive alguns dentro do Partido Bolchevique, apoiaram a tomada do poder estatal e os soviets e proletariado, bem como campesinato, caíram no canto de sereia bolchevique do “pão, paz e terra” e “todo poder aos soviets”. Palavras de ordem escolhidas cuidadosamente pelo maquiavélico Lênin, um grande propagandista (e felizmente não teve outros como ele posteriormente), que expressavam o que a população queria. Uma vez no poder, Lênin mostrou sua verdadeira face. Mas se a leitura de Marx fosse mais profunda, já

² Os ideólogos pseudorrevolucionários do cotidiano pensam que podem fazer uma revolução hoje e no cotidiano. A “revolução começa com o indivíduo”. A afirmação é uma das mais estúpidas e voluntaristas que poderia ser feita e somente com uma formação teórica débil alguém poderia chegar a tamanho disparate. Esse indivíduo que começa sua revolução só pode ser o Superman, o super-herói dos quadrinhos. Mas até ele, um alienígena, aprendeu o idioma do país em que “caiu”, reproduziu a divisão social do trabalho, se submeteu à escola e trabalho, reproduziu o amor tal como a sociedade moderna impõe, defendeu a lei e a ordem de seres de outro planeta, só por ter nascido nele. Essas exigências de “revoluções individuais” apenas escamoteiam a profunda insegurança psíquica dos seus defensores, que nem sequer desconfiam que tal ideia de “revolução individual” não brotou em seu cérebro do nada (eu ia dizer “como os cogumelos”, mas nem os cogumelos brotam do nada! E o absurdo parece sério quando se tem formação débil), pois nasceu de ideologias historicamente produzidas por pessoas nada revolucionárias ou falsamente revolucionários aquartelados nos ministérios e sedes do poder estatal.



seria evidente a dicotomia entre o pensamento deste e o do famoso ditador russo. Obviamente que exigir isso do proletariado seria despropositado numa sociedade em que a maioria da população era analfabeta. Mas os revolucionários, esses deveriam ter essa leitura. Mas não só os supostos “marxistas” russos caíram no conto do vigário bolchevique³, pois indivíduos de outras tendências também apoiaram, mesmo que momentaneamente, o regime bolchevique. O resto da história todos sabem. O curioso é que muitos anarquistas demoraram para entender o que já estava ocorrendo. A falta de formação teórica e política dos revolucionários facilitou a dominação bolchevique. Se houvesse uma força revolucionária com formação e atuando sobre o proletariado e demais revolucionários, o resultado poderia ter sido outro. Hoje isso é ainda mais verdadeiro, pois países com desenvolvimento incipiente do capitalismo como a Rússia da época já são praticamente inexistentes.

Nesse sentido, é preciso entender a tarefa gigantesca dos revolucionários na revolução proletária, não só de ação, mas de crítica, formação e reflexão. Ao fazer isso reforça uma determinação-tendência⁴ que é a da vitória da autogestão. A percepção da história é fundamental, pois as tentativas de revolução proletária fracassaram e um dos motivos foi a fraqueza dos indivíduos e grupos revolucionários, além da do próprio proletariado. O proletariado é revolucionário, não cansam de dizer os autonomistas e outros fetichistas da classe operária, mas nunca fez uma revolução até o fim. Agora já se sabe que os revolucionários são em parte responsáveis por isso, por sua falta de formação. Outra coisa que descobrimos é que se os revolucionários, durante tais tentativas, tivessem maior clareza e formação, teriam apoiando a tendência proletária-revolucionária. O papel da formação dos militantes revolucionários é aqui reforçado, mas a importância da formação vai além disso.

³ Lênin não era um vigário de Cristo, mas se dizia vigário de Marx.

⁴ Hoje é tendência, mas uma vez instaurada a autogestão, os indivíduos do futuro a considerarão determinação, pois atua e reforça uma das tendências existentes e que se efetivou. O futuro é produzido no presente, no confronto das diversas tendências e forças da atualidade.



No fundo, para o materialismo histórico, resta saber “quem educa os educadores”, ou, “quem forma o formador”. Certamente a decisão individual, a força de vontade, o compromisso com a revolução, é um impulso poderoso para a autoformação dos revolucionários. Mas os outros revolucionários devem incentivar isso. E se na Revolução Russa muitos revolucionários autênticos caíram na armadilha leninista, isso se deve a um problema anterior. Não é no dia da revolução que vamos ler *O Capital*, pois não daria tempo. Por isso, a questão da formação deve remeter não somente ao momento revolucionário, mas ao momento anterior, no processo anterior de formação. Se grupos e indivíduos revolucionários e o proletariado tivessem formação mais ampla poderiam dificultar ou talvez até impedir o golpe de estado bolchevique, então seria preciso que tal formação ocorresse. Para o proletariado as greves anteriores, a Revolução Russa, foi uma escola, mas ainda insuficiente, pois se houve auto-organização (soviets, principalmente) e uma certa autoformação, não foi para pensar a nova sociedade e sua organização, para compreender o perigo da burocracia, etc. Logo, se os revolucionários autênticos na Rússia, estivessem menos preocupados em atentados e mais com desenvolver a formação própria e alheia, teriam criado melhores condições para a luta futura.

E essa é nossa tarefa nas épocas não-revolucionárias: incentivar a auto-organização e autoformação do proletariado e da população em geral e, simultaneamente, buscar sob as mais variadas formas desenvolver a formação própria (dos revolucionários) e alheia (dos indivíduos das classes exploradas). A socialização do saber teórico já produzido, a divulgação, reprodução e produção de obras críticas, entre outras ações no plano intelectual devem ser efetuadas. Usar as brechas dos meios de comunicação, a internet, entre outras possibilidades⁵.

⁵ Claro que o purismo obreirista e/ou má formação intelectual de alguns militantes logo poderá apontar para que isso não deve ser feito, pois é na prática que o proletariado se autolibertará (apesar de nunca ter feito isso e ter tido várias oportunidades). Obviamente que isso nada tem a ver com o marxismo ou a proposta autogestionária. O proletariado realiza sua autoemancipação na luta e nessa luta todos



Da mesma forma, pensar formas de atuação educacional junto aos trabalhadores e outros setores da sociedade. Nesse caso, é possível pensar isso no interior das instituições burguesas (escolas e universidades, por exemplo) e fora delas, através de outras possibilidades, embora bem mais difíceis de serem criadas, mas em alguns casos possíveis. É nesse contexto que se torna fundamental discutir a *pedagogia autogestionária*.

Antes disso, no entanto, é preciso esclarecer que não se pode formar os indivíduos para a sociedade comunista vivendo no capitalismo, como já expliquei. Os indivíduos vão ter que viver nessa sociedade competitiva e por isso vão ter que competir, caso não o façam, vão ser derrotados, viverão em condições precárias e pouco contribuirão com o processo de transformação social. Claro que não se deve formar para competir, pois seria o erro contrário, nesse caso se formaria pessoas com mentalidade burguesa e isso contribui menos ainda com a revolução social. Mas não se pode socializar para viver numa sociedade que não existe e produzir pessoas frágeis e fracas. Os revolucionários devem se fortes (e muito) e é por isso que muitos abandonam a luta, por fraqueza, covardia, medo. Alguns, quando se defrontam com o primeiro obstáculo mais forte, uma perseguição burocrática, uma botinada policial, um afastamento da namorada, uma pressão familiar, a demissão de um emprego, deixam a luta e vão cuidar da vida cotidiana e reproduzir o capitalismo.

Logo, além de uma sólida formação, é preciso formar pessoas que compreendam o capitalismo e que não é sendo “solidário” numa sociedade competitiva e conflituosa que poderá mudar o mundo. Obviamente que a solidariedade é

participam, inclusive os revolucionários (aliás, se não participassem, de que eles serviriam?), e assim como os conservadores, liberais, fascistas, bolcheviques, anarquistas e outros estão agindo para um lado ou outro, reforçando uma ou outra tendência, os falsos defensores da autogestão vão cruzar os braços sobre pretexto de que não são vanguardistas. Confundem não direção com não ação (inatividade) ou acham que basta “ficar junto” com os trabalhadores para ser “revolucionário com eles” (embora eles *ainda* não sejam...) e acabam facilitando o domínio dos meios de comunicação e do capital, ou então de seus concorrentes burocratas.



fundamental, mas no interior de relações sociais em que isso é possível, pois não é possível ser solidário com o exército que vai lhe massacrar, com o policial que vai lhe espancar, com o capitalista que o explora ou com o carrasco que vai retirar-lhe a vida. A formação pode explicar isso, mas ela deve ser formação para a luta. Solidariedade com o proletariado, com aqueles que estão do lado da emancipação humana, combate e luta com os que estão do outro lado da barricada, visando generalizar isso para toda a sociedade. É preciso que o revolucionário saiba coisas simples, como, por exemplo, que não é possível fazer omelete sem quebrar os ovos, assim como não é possível fazer revolução sem luta de classes.

É por isso que é ilusório alguns tentarem executar “autogestão pedagógica”, “pedagogia libertária”, e coisas semelhantes. Pior ainda é o realismo torpe de quem quer reproduzir a pedagogia tradicional ou progressista burguesa para formar revolucionários. A pedagogia autogestionária é algo a ser construída e os marxistas, desde Marx, passando por Rühle, e outros com contribuições mais problemáticas⁶, bem como pedagogos independentes, como Freinet e outros, podem ajudar a constituir uma proposta mais desenvolvida.

Não é meu objetivo aqui tratar da pedagogia autogestionária. O objetivo aqui era tão somente colocar a importância da questão da formação para a autogestão. Sem formação, não há autogestão. Como disse Pannekoek certa vez, o poder espiritual da burguesia é um dos maiores obstáculos à autoemancipação proletária e por isso é preciso atuar nesse campo. De resto, Korsch aprofundou isso e diversos outros desenvolveram teses nesse sentido e Otto Rühle dedicou diversos trabalhos para analisar a questão da educação. Aqueles que desconhecem o materialismo histórico, que o real é produto da luta de classes e que hoje se constitui as determinações do futuro, podem

⁶ Obviamente que tipos como Vygotsky não são problemáticos: são inúteis para uma pedagogia autogestionária, a não ser em questões muito pontuais e vistas sob forma crítica. Aqui vale o ditado popular: “me diga com quem andas, que direi quem és”. Afinal, alguém que trabalhou no regime ditatorial do capitalismo estatal russo tem muito pouco a oferecer a uma pedagogia autogestionária.



simplesmente desprezar a teoria e a formação, mas assim eles acabam é reforçando a reprodução da sociedade capitalista. É preciso urgentemente aprofundar a questão da formação na perspectiva autogestionária. Esse texto só teve a ambição de alertar para essa necessidade e, se a vida permitir, ele terá desdobramentos e aprofundamentos de acordo com o desenvolvimento de minha autoformação, o que inclui novas reflexões, leituras, análises. Agora vou estudar, pois assim, no futuro, poderei contribuir mais do que fiz nesse texto.